

**Parecer referente ao bem cultural Lampião do Largo da Lapa, Município do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, objeto do Processo de Tombamento nº 1014-T-79
(Processo Tombamento nº 01458.001577/2012-75)**

Conselheira Angela Gutierrez

Considerações Iniciais

O referente processo teve início em 13 de novembro de 1979, com o encaminhamento do ofício P/GAB nº 335, da Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Geral da cidade do Rio de Janeiro, ao Sr. Aloísio Magalhães, presidente no IPHAN à época, apresentando a proposta nº 14, de 26 de setembro de 1979, da Câmara Técnica do Corredor Cultural, recomendando o tombamento do Lampião existente na Lapa e do relógio localizado no Largo da Carioca, bem como o estudo para preservação das luminárias antigas existentes no centro da cidade, como as das ruas da Conceição, Senhor dos Passos, Alfândega, Ouvidor, Praça XV e suas adjacências. A mesma proposta também sugeria que fossem instaladas nas Ruas Álvaro Alvim e Alcindo Guanabara “iluminação do gênero da existente nos becos e ruas estreitas da Praça XV”.

Em 05 de Março de 1980, o diretor da 5ª Diretoria Regional do IPHAN, Sr. Edgar Jacintho da Silva, envia à Diretora da Divisão de Estudos, Pesquisas e Tombamento do IPHAN, Sra. Lygia Martins Costa, o parecer (informação nº 06/80) da museóloga e chefe da Seção de Estudos e Tombamentos do IPHAN, Maria Emília de Souza Mattos. Em 07 de janeiro de 1980, a parecerista mostra-se favorável ao tombamento do lampião da Lapa, devido à idiossincrasia desse monumento, ao seu valor histórico e excepcionalidade artística. Todavia, a museóloga não concorda com a adoção do mesmo procedimento quanto ao Relógio do Largo da Carioca. Apesar de reconhecer que esse monumento represente um marco da evolução urbanística da cidade do Rio de Janeiro, o mesmo não reúne as qualidades exigíveis para o seu tombamento pelo IPHAN, indicando o encaminhamento para tombamento estadual pelo INEPAC. Com relação às luminárias das ruas da Conceição, Senhor dos Passos, Alfândega Ouvidor e Praça XV de Novembro, inclusive as ruas e becos adjacentes, a museóloga não atribui às mesmas justificativa para efeito de tombamento.

Em 11 de julho de 1980, Neyde Gomes de Oliveira e Maria Augusta Meirelles Coelho (Técnicas em Assuntos Culturais), conforme a Informação nº 120, endossam o parecer da chefe de Seção de Estudos e Tombamentos do IPHAN, e sugerem que o Relógio do Largo da Glória, também seja incluído na indicação do tombamento estadual - tal qual o Relógio do Largo da Carioca - visto ter sido construído no mesmo período e possuir valor artístico e histórico para constituir o patrimônio estadual.

Em 01 de Abril de 1981, o presidente Aloísio Magalhães encaminha o ofício nº 394/81 ao Sr. Manuel Diégues Júnior, Diretor do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, no qual apresenta a proposta de tombamento do lampadário do Largo da Lapa e do relógio do Largo da Carioca, juntamente com os pareceres emitidos pelos técnicos do SPHAN a respeito dessa questão. Para, além disso, o Sr. Aloísio Magalhães ratifica a sugestão de estender a medida de tombamento ao relógio da Glória, julgando que todos os citados bens constituem-se de

interesse de proteção, à medida em que compõe marcos expressivos do desenvolvimento urbanístico da cidade.

O expediente fica em sobrestado até o ano de 2012, quando é retomado e volta a tramitar, sendo solicitado pelo Chefe do Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro, Sr. Hilário Figueiredo Pereira Filho, à Sra. Luciana dos Santos Pereira Pires, da Divisão Administrativa do IPHAN no Palácio Gustavo Capanema, por meio do despacho nº 082/2012 de 10 de setembro de 2012, a conversão do protocolo de documento para processo.

Em 09 de outubro de 2012, pelo memorando nº 313/2012 – ACI COPEDOC-RJ, o Chefe do Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro, Sr. Hilário Figueiredo Pereira Filho, encaminha ao Sr. Andrey Rosenthal Schlee, Diretor do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização – DEPAM, o Processo 1014-T-79, composto por 01 (um) volume principal, dando continuidade ao trabalho de transferência dos Processos de Tombamento sem tramitação concluída que estavam no DEPAM/RJ e no acervo do Arquivo Central do IPHAN – Seção RJ, cujas situações eram “em estudo” e “sobrestado”.

No mesmo ano, em 26 de outubro, a Coordenação de Proteção e Conservação de Bens Imóveis do DEPAM encaminha o Memorando nº 302/2012 à Sra. Érica Diogo, Coordenadora Geral de Bens Imóveis, um lote de documentos referentes à processos de tombamento abertos e não concluídos relativos a bens localizados no Estado do Rio de Janeiro, a fim de que a equipe dessa Superintendência concretize o arquivamento ou a instrução dos tombamentos listados, entre os quais estão incluídos os documentos relativos ao Lampião da Lapa, Relógio do Largo da Carioca e luminárias antigas do Centro. O memorando solicita: a) Pronunciamento ao arquivamento dos processos em função da ausência de relevante valor histórico e/ou artístico que justifique a proposta de tombamento; b) Elaboração de cronograma de execução de instrução dos processos, cujos bens forem considerados passíveis de proposta de tombamento; e c) Proposta de viabilidade para a instrução dos processos de tombamento. Em 30 de Outubro de 2012, Andrey Rosenthal Schlee, Diretor do DEPAM, acordando com o referido memorando, determina o encaminhamento do mesmo à Superintendência do IPHAN-RJ.

Em 06 de novembro de 2012, a superintendente do IPHAN-RJ, Maria Cristina Vereza Lodi, envia a documentação para a COTEC, para adoção de providências. Em 21 de novembro de 2012, Márcia L. M. Franqueira, Coordenadora Técnica do IPHAN-RJ, remete o processo à arquiteta Joyce Carolina Moreira Kurrels Pena para redação de parecer.

O parecer nº 063/13/COTEC/IPHAN-RJ, datado de 26 de fevereiro de 2013, preparado pela arquiteta Joyce Carolina Moreira Kurrels Pena, mostra-se favorável à indicação de tombamento federal do Lampião do Largo da Lapa, com inscrição no livro de Tombo Histórico. O parecer apresenta uma contextualização acerca da evolução e modificações dos equipamentos luminotécnicos, ocorridas na passagem do século XIX para o século XX, tanto no Brasil como em outras nações, e de como essas mudanças afetaram diretamente nos processos urbanísticos da cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma, o documento dispõe sobre a modernização do centro do Rio de Janeiro, empreendida durante o governo do prefeito Pereira Passos (1902-1906) e da instalação de iluminação pública moderna, com funcionamento à base de eletricidade. Ademais, o parecer apresenta um histórico tanto do

Lampião do Largo da Lapa quanto do Relógio do Largo da Carioca, aparatos urbanos inaugurados na primeira década do século XX.

Com relação ao pedido de tombamento para o relógio do Largo da Carioca e luminárias remanescentes do Centro, a arquiteta é desfavorável ao tombamento federal. O Relógio do Largo da Carioca, tendo sido anteriormente um lampadário, equivocadamente reformado em 1947, teria sido descaracterizado. Não obstante, sem desmerecer seu valor identitário para a cidade do Rio de Janeiro, a parecerista julga que seu tombamento no âmbito estadual já estabelece proteção legal suficiente. Quanto aos aparelhos de iluminação remanescentes do Centro, avaliou-se que os poucos exemplares restantes nas proximidades da Praça XV de Novembro não constituíam um conjunto significativo que justificasse o tombamento isolado no âmbito federal. Por fim, quanto ao Relógio da Glória, já tombado pelo INECAP, a arquiteta aponta para a realização de estudos específicos sobre o mesmo, qualificando-o como portador de peculiaridades, razão pela qual não o incluiu no processo.

O parecer técnico Nº 001/2014, da Conservadora e Restauradora do DEPAM, Ana Cláudia Magalhães, datado de 30 de Abril de 2014, enviado para a Coordenadora Geral Anna Eliza Finger, endossa a indicação da arquiteta Joyce Carolina Moreira Kurrels Pena, para a inscrição do Lampião do Largo da Lapa no Livro de Tombo Histórico, recomendando também a inserção do mesmo bem no Livro de Tombo de Belas Artes, visto possuir elementos que inferem valores artísticos ao equipamento. Quanto à exclusão do tombamento federal das luminárias remanescentes do Centro e Relógio do Largo da Carioca, a conservadora concorda com a parecerista, visto que as justificativas apresentadas estão bem fundamentadas. Quanto ao Relógio da Glória, a conservadora afiança a indicação da parecerista acerca de um estudo particular do mesmo. No mesmo dia, a Sra. Anna Eliza Finger delibera positivamente o parecer, sugerindo o envio à Procuradoria Jurídica/DF para análise e providências de notificação. Em 02 de maio de 2014, o diretor do DEPAM/IPHAN, Andrey Rosenthal Schlee, endossa a sugestão da coordenadora Anna Eliza Finger.

Aos 19 de Maio de 2014, a Procuradora Federal Genésia Marta Alves Camelo, por instrumento do parecer nº 0143/2014 – PF/IPHAN/SEDE conclui que o Lampião do Largo da Lapa está em condições de ser submetido ao Egrégio Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, que em âmbito federal deverá decidir acerca do tombamento do referido bem. Ademais, dá as instruções acerca dos procedimentos de notificação às esferas administrativas – municipal, estadual e Superintendência do IPHAN-RJ – bem como a publicação e divulgação dos proclamas de tombamento do Lampião do Largo da Lapa em Jornais de grande circulação e no Diário Oficial da União. Quanto ao Relógio do Largo da Glória, a procuradora recomenda a abertura de processo administrativo para estudo do bem cultural. No que tange às luminárias e postes antigos do Centro e do Relógio do Largo da Carioca, a procuradora indica que a decisão de arquivamento ou reestudo do tombamento dos referidos bens caberá à Presidência do IPHAN.

Aos 09 de outubro de 2014, Rony Oliveira, Chefe de Gabinete da Presidência do IPHAN, por intermédio do despacho nº 383/2014/PRESI/IPHAN, remete ao Secretário do Conselho Consultivo do IPHAN, Sr. Jorge Augusto Oliveira Vinhas, o processo nº 01458.001577/2012-75

(Volume Único), referente ao Processo de Tombamento nº 1014-T-79, "Lampião do Largo da Lapa", para apreciação do Conselho.

Em 14 de outubro de 2016, o Secretário do Conselho Consultivo do IPHAN, Sr. Jorge Augusto Oliveira Vinhas, pelo despacho nº 21/2016, submete o referido processo à Sra. Ana Eliza Finger, Coordenadora Geral/DEPAM.

Aspectos Históricos

Reduto boêmio e cultural, o bairro da Lapa insere-se na cidade do Rio de Janeiro e no imaginário coletivo como um ponto de referência da vida noturna carioca. O nome Lapa está ligado à Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa do Desterro, erigida em meados do século XVIII, tendo o bairro se desenvolvido em seu entorno. Etimologicamente, a palavra "Lapa" deriva do vocábulo pré-céltico *lappa*, que significa pedra. Na Língua Portuguesa "lapa" é utilizada para designar "grande pedra ou laje que, ressaíndo de um rochedo, forma um abrigo para pessoas ou animais."

Até finais do século XVIII, a ocupação da Lapa estava restrita aos arredores da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa do Desterro, consagrada em 1750. O fato de a região encontrar-se ladeada pelos morros do Desterro (atual bairro de Santa Teresa), Santo Antônio e Senado dificultava o acesso a essas paragens, o que certamente contribuiu para seu isolamento¹.

A atual Rua Riachuelo (Antiga Rua de Mata-Cavalos²) surgiu de um dos principais caminhos da cidade durante a Colônia e o Império, por conectar o centro com os arrabaldes, serpenteando no vale formado entre os morros de Desterro e Santo Antônio, de forma a permitir o acesso às terras do interior, em direção à Serra da Tijuca³. Durante o governo de Aires de Saldanha e Albuquerque Coutinho Matos e Noronha (1719-1725), foi construído um aqueduto para o abastecimento de água da cidade, inspirado no Aqueduto das Águas Livres de Lisboa. Medindo cerca de 270 metros de extensão e 17 metros de altura, tal aqueduto interligava o Campo de Santo Antônio (atual Largo da Carioca) ao Morro do Desterro (atual Morro de Santa Teresa). Os Arcos da Lapa, também conhecidos como Aqueduto da Carioca, tornaram-se um importante símbolo do bairro e um dos principais cartões postais da cidade. No século XIX, tal sistema de abastecimento de água já estava obsoleto e o aqueduto foi desativado. A partir do ano de 1896 o aqueduto passou a ser utilizado como viaduto de passagem dos bondes elétricos, ligando o Bairro de Santa Teresa ao centro da cidade. Em funcionamento até os dias de hoje é conhecido popularmente como "Bondinho de Santa Teresa"⁴.

O processo de ocupação da Lapa começou a se configurar efetivamente no início do século XIX, sobretudo após o Rio de Janeiro tornar-se a sede do Império Português, com a chegada da

¹ DUARTE, Cristovão Fernandes. A Lapa, abrigo e refúgio da cultura popular carioca. XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. 25 a 29 de maio de 2009. Florianópolis - Santa Catarina - Brasil, p.02.

² Machado de Assis, no livro Dom Casmurro faz referência à Rua de Mata-Cavalos, que teria sido a rua onde cresceram os dois jovens enamorados, Bentinho e Capitu. *"Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Mata-cavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu.* ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*.

³ DUARTE, *op.cit.*, p.03.

⁴ DUARTE, 2009, p.03.

Família Real em 1808. A cidade experimenta um vertiginoso surto de crescimento populacional e urbanístico, fazendo-se necessária expansão para novas áreas: a Lapa transforma-se numa opção vantajosa, devido a sua proximidade com o centro. Após a abertura das ruas dos Inválidos, do Rezende e do Lavradio, ligando o bairro em expansão à malha urbana já existente, torna-se possível acessar a Lapa mais facilmente⁵. Todavia, o processo de consolidação do bairro se dá efetivamente na segunda metade do século XIX, o que pode ser corroborado pelo estilo arquitetônico dos belos palacetes e sobrados, ocupados por famílias relativamente abastadas, que podem ser observados por toda a Lapa.

O início do século XX é marcado pela modernização urbanística implementada pelo prefeito Pereira Passos (1902-1906) que produzirá grandes impactos, especialmente no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro. Amplas avenidas dialogam com construções ecléticas, inspiradas no Ecletismo Francês e Neoclássico, como o Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional, o Museu de Belas Artes entre outras. Ademais, é promovida a implantação de equipamentos urbanos, como a instalação de eletricidade e iluminação pública e a oferta de linhas regulares de transportes públicos entre o centro e bairros mais afastados. Cristovão Fernandes Duarte⁶, arquiteto, urbanista e ex-superintendente Regional do IPHAN para os estados do Pará e Amapá, nos informa que:

Ao longo das duas primeiras décadas do século XX a Lapa vai se transformando num bairro de gente pobre, ocupando (e superlotando) casas de gente rica. A aparência nobre e elegante das edificações contrastava com as péssimas condições de moradia a que se encontravam submetidos os novos habitantes. Juntamente com a pobreza recaiu sobre a Lapa o estigma da malandragem e da contravenção. De fato, abrigados e protegidos pela segregação sócio-espacial imposta ao bairro, proliferaram por suas ruas prostíbulos, casas de jogo, tabernas, night-clubs com shows de strip-tease e toda sorte de ofertas possíveis para a vida boêmia e desregrada que atraía os novos e notívagos frequentadores da Lapa.

As décadas de 1930 e 1940 são marcadas pela efervescência cultural que transforma a Lapa em reduto de artistas e intelectuais, como Noel Rosa, Manoel Bandeira, Candido Portinari, que se reuniam nos bares que promoviam o encontro entre ilustres e anônimos para rodas de violão regadas a cerveja, cachaça e música. Beatriz Kushnir⁷, Doutora em História Social, nos descreve esse contexto:

Fronteira à Glória, a Lapa começa na rua Conde Lage - espaço consagrado ao miché, como também o eram as ruas Taylor e Joaquim Silva - percorre e atravessa os Arcos e, pela Mem de Sá, chega até a praça Tiradentes - onde a homossexualidade masculina sempre se fez calçada. É nesse território, quase um corredor que liga o mar ao centro velho da cidade, que mitos e fantasias construídas sedimentaram no imaginário personagens emblemáticos. Nessa

⁵ DUARTE, *op.cit.*, p.04.

⁶ DUARTE, *op.cit.*, p.09.

⁷ KUSHNIR, Beatriz. A Lapa e os filhos da revolução boêmia. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, N° 30, 2002, p. 175.

porção da cidade, de códigos definidos e cultuados, boemia, prostituição, intelectualidade e, principalmente, criatividade em ebulição reinavam. (...) A Lapa é, portanto, um espaço onde opostos conviviam, porque complementavam-se, como também o reverso, que ali não só tinha vez como era instigado a acontecer.

Durante o período da Ditadura Militar (1964-1985) a Lapa é marcada pelo abandono da administração municipal, o que termina por acentuar a degradação do acervo edificado tornando ainda pior as condições de habitação daqueles que ali residiam. Todavia, a partir da década de 1990 a Lapa é redescoberta. Antiquários localizados na Rua do Lavradio passam a promover feiras de antiguidades nos finais de semana, atraindo um público diferenciado. Algumas lojas são transformadas em casas de show, como é o caso do "Rio Scenarium", inaugurado em 1999. A partir de então, surgem diversos estabelecimentos, como bares, restaurantes e novas casas de shows que veem na cultura e no lazer a possibilidade de expansão de um mercado consumidor.

Atualmente, a Lapa apresenta-se como um dos principais espaços de encontro e diversão para moradores e turistas de diferentes segmentos sociais, na cidade do Rio de Janeiro. O tradicional bairro dos Arcos atrai em sua noite um público cada vez maior, estimulado pela aura da Lapa dos anos 1930, onde boêmia, musicalidade e intelectualidade se sociabilizam.

O bem cultural

O objeto deste parecer é um lampadário, localizado no bairro da Lapa, obra do escultor José Maria Oscar Rodolfo Bernardelli y Thierry⁸. A peça foi encomendada pelo então prefeito Pereira Passos (1902-1906) para ser instalada no ponto inicial da Avenida Mem de Sá, via recém projetada que ligaria a Lapa à Rua Frei Caneca. Esse projeto estava em consonância com as transformações urbanísticas e higienistas empreendidas por Pereira Passos e que tinham por objetivo transformar a capital carioca numa cidade civilizada e moderna, que atendesse ao modelo capitalista internacional. Tal monumento, cuja inauguração se deu em 1906, foi executado pela Fundação Brasileira de Ferro e Bronze e Cia.

O parecer nº 063/13/COTEC/IPHAN-RF, de 26 de fevereiro de 2013, redigido pela arquiteta Joyce Carolina Moreira Kurrels Pena, apresenta uma detalhada descrição do bem:

Colocado sobre uma base octogonal, rodeada por três degraus de pedra que acompanham a forma poligonal da base, e com altura aproximada de 15 metros, o lampadário é formado por uma coluna executada em granito e bronze, ao qual foram aderidos inúmeros

⁸ José Maria Oscar Rodolfo Bernardelli y Thierry (Guadalajara, 18 de dezembro de 1852 — Rio de Janeiro, 7 de abril de 1931) foi um escultor e professor mexicano naturalizado brasileiro em 1874. Em companhia da família (foi irmão dos também artistas Henrique Bernardelli e Félix Bernardelli), deixou seu país natal em 1866, passando pelo Chile e Argentina e fixando moradia no estado brasileiro do Rio Grande do Sul. De lá, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde frequentou, entre 1870 e 1876, aulas de escultura e de desenho de modelo vivo na Academia Imperial de Belas Artes. Viveu alguns anos na Europa, estudando em Roma. De volta ao Brasil, passou a atuar como professor de escultura estatuária na Academia Imperial de Belas Artes e como diretor na recém-criada Escola Nacional de Belas Artes, que chefiou por 25 anos. Deve-se-lhe a construção do atual edifício.

motivos temáticos alusivos à fauna brasileira (cobras, golfinhos...), bem como outros elementos remissivos a epopeia portuguesa dos descobrimento (caravelas, torres de castelos, esfera armilar...).

Fixado à parte de cantaria, um anel de bronze serve de sustentação para seis luminárias pendentes. No fuste da coluna, baixos relevos remetem-se a motivos fitomorfos.

A parte superior da composição, confeccionada em bronze, é especialmente pitoresca, haja vista a forma inusitada de que se utilizou o escultor para sustentar as quatro lâmpadas que pendem dos corpos enrijados de quatro ameaçadoras serpentes que saltam em direção ao vazio. Sob elas impõe-se a presença de um elemento escultórico composto por quilhas e velames de barcos que singram mares repletos de golfinhos (certamente uma alusão ao símbolo da cidade). Encimando o conjunto, uma esfera armilar remata o lampadário.

Para o cronista Ernesto da Cunha Araújo Viana⁹, Bernardelli teve a intenção de homenagear Mestre Valentim, que teria sido o primeiro a utilizar a temática da flora e fauna brasileira na composição do Chafariz dos Jacarés do Passeio Público, construído entre 1779 e 1783.

O lampadário da Lapa foi tombado pelo INECAP - Instituto Estadual do Patrimônio Cultural em 1983 (tombamento definitivo - processo E-03/012.189/81), sendo acautelado a nível estadual. Por estar localizado em área pública, no decorrer dos anos o monumento sofreu com as intempéries climáticas e ações de vandalismo, o que acarretou obras de restauração no mesmo entre os anos 2005 e 2006.

Conclusão

O Lampadário da Lapa, símbolo de um mundo em transformação, é representante de um estilo peculiar, mesclando metal forjado, pedra e novas tecnologias de iluminação, fruto da funcionalidade e do progresso que surgiu com a revolução industrial.

Assim como Mestre Valentim no século XVIII, o escultor Bernardelli foi convocado, no início do século XX, para inserir a cidade do Rio de Janeiro, então distrito federal, como modelo para este novo século que se anunciava. A ele deve-se esse monumento singular, misto de mobiliário urbano e escultura, obra de arte e equipamento utilitário. Hoje, ícone de uma época.

O reconhecimento do monumento, como merecedor da proteção federal e da atenção permanente do IPHAN, requer determinadas condicionantes técnicas, tão bem balizadas pelo

⁹ Cópia do artigo publicado no jornal *A notícia*, de autoria do cronista Ernesto da Cunha Araújo Viana, datado de 19 de setembro de 1906. In: Processo de Tombamento nº 1014-T-79, fls. 06.

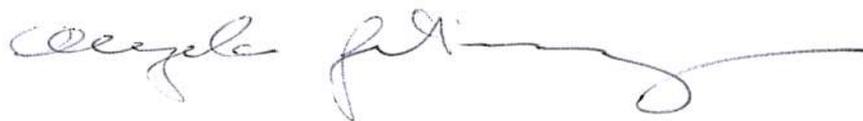


ordenamento jurídico vigente. A estas condicionantes o bem cultural em comento se enquadra perfeitamente.

Este símbolo de uma época e de uma comunidade, tão pitoresco e tão presente no universo simbólico do cotidiano dos homens e das mulheres que circulam pelo Largo da Lapa, fala por sua história, por seu porte e resistência às intempéries a que esteve exposto, pelo trabalho braçal, artístico e intelectual a ele agregado. Como um fiel sentinela, balizador dos sentidos e do tempo, ele se mantém impávido e altivo. Fala por todas as noites que iluminou, por todos os olhares anônimos que o admiraram, pelas chuvas, pelos ventos e pelo sol que enfrentou.

Concebido pelo talento e pela sensibilidade de Bernardelli e por caracterizar a paisagem carioca de maneira tão peculiar, recomendo a aprovação deste Douto Conselho, que tanto tem contribuído para a preservação dos marcos mais significativos da arte e da história da nação brasileira.

Meu parecer é favorável ao tombamento e inscrição do bem cultural no Livro do Tombo Histórico e no Livro das Belas Artes.

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'Cezar F. de A. S. de A. S.', written in a cursive style.